

Chega de Epistemicídio: o ativismo negro no mundo cultural literário¹

Gabriela Ferreira Vieira²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Você já escutou: “mas eu não sou racista” e continuações como: “até tenho amigos pretos”? Quantos livros leu sobre população negra ou escritos por pretos? O tema desse artigo é o ativismo preto literário através da literatura brasileira por escritores pretos. Sendo assim, o objetivo geral é analisar como o ativismo negro é evidenciado na literatura brasileira escrita por autores pretos. Para tal análise, a metodologia aplicada é o estudo de caso e o objeto de estudo é o livro *Pequeno manual antirracista* (2019), escrito por Djamila Ribeiro. É possível concluir que a literatura, é um espaço em que a representatividade negra alcança visibilidade e tais atos informam e ajudam na luta antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; ativismo negro; literatura negra; Djamila Ribeiro; *Pequeno manual antirracista*.

INTRODUÇÃO

Como pode a cor da pele determinar quem você é perante uma sociedade? A população negra brasileira convive diariamente com violências simbólicas, racismo televisivo e tem sua pele como critério para tudo. Ser preto define nível de trabalho, estudo, saúde, relações sociais e literalmente tudo em meio a uma sociedade escravista, no qual, brancos são privilegiados socialmente e economicamente e que negros até hoje são vistos como mercadorias sem acesso à direitos básicos e educação.

Observar o ambiente mundano, faz pensar que na realidade atual, pretos ainda são escravizados, considerados e interpretados na mídia e presencialmente como bandidos, bêbados, feios, rejeitados, entre outras percepções discriminatórias. As mulheres pretas vivem uma interseccionalidade, porque além do seu tom de pele, lidam com o fato de serem mulheres e essas duas características geram opressões sobre elas,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutoranda em Comunicação Social, bolsista CAPES, email: gabrielafvieira95@gmail.com.

porque acabam sendo sexualizadas, vistas como gostosas para atos sexuais e não para compromissos sérios.

O mundo das artes, atualmente, gera visibilidade para artistas em geral, independente do tom da pele, mas graças ao período decolonial que vivemos, padrões são desconstruídos e essa população minorizada se torna destaque nas artes. Nenhum negro escolheu ser minorizado e mesmo assim, o epistemicídio aconteceu, ou seja, suas produções artísticas e de conhecimento foram deixadas de lado, apagadas e esquecidas.

Este artigo científico tem como tema o ativismo preto na literatura, tendo como delimitação esse ativismo preto literário através da literatura brasileira por escritores pretos. Por isso, entre tantas opções existentes, foi escolhido como objetivo de estudo o livro *Pequeno manual antirracista* (2019), publicado pela autora Djamila Ribeiro no ano de 2019. A partir desta obra, o objetivo geral é compreender como o ativismo negro é evidenciado na literatura brasileira escrita por autores pretos e os específicos são: observar como o pacto narcísico da branquitude é exposto na obra; verificar o tipo de impacto desta leitura; e entender como o antirracismo é explorado na cultura literária.

Com natureza qualitativa e delineamentos feitos via pesquisa bibliográfica e exploratória, a metodologia se completa com o Estudo de Caso, que segundo Yin (2015, p. 2) “[...] investiga um fenômeno contemporâneo (o ‘caso’) em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes”. Nos próximos capítulos será abordado: o ativismo negro, racismo brasileiro, opressão estrutural, visibilidade e protagonismo preto e uma análise breve das reflexões geradas pela obra literária neste trabalho estudada.

DE OPRIMIDO À ATIVISTA: A TRAJETÓRIA DO POVO PRETO DESVALORIZADO E O RACISMO BRASILEIRO MASCARADO

Conforme Gomes e Tavares (2022, p. 449):

[...] o racismo se manifesta, dentre outras formas, na contínua reprodução de saberes produzidos especialmente por homens brancos europeus tidos como “clássicos”, ao mesmo tempo em que questiona ou apenas negligencia conhecimentos construídos por intelectuais negros/as e/ou de origem do continente africano.

De acordo com Almeida (2019), o racismo é uma maneira metodizada de discriminação que tem a raça como critério, e que se exterioriza por intermédio de

condutas conscientes e inconscientes que acabam em desvantagens ou privilégios para pessoas, dependendo da comunidade racial que fazem parte. Gomes e Tavares (2022) abordam que as populações não europeias foram racialmente decretadas como diferentes, dominadas e hierarquizadas. Na perspectiva de Sovik (2009, p. 50):

No Brasil, particularmente, a prática social do branco está permeada por discursos de afeto, que aparentemente religam setores sociais desiguais, mas a hierarquia racial continua vigente e, em um conflito eventual, ela reaparece, enfraquecendo a posição de pessoas negras. O valor da branquitude se realiza na hierarquia e na desvalorização do ser negro, mesmo quando “raça” não é mencionada.

Em conformidade com Gomes e Tavares (2022), é ininterrupta a atuação de ativistas pretos e pretas com o objetivo de alcançar uma educação antirracista, apresentando e implementando o fluxo de conhecimentos ocasionalmente não efetivos em setores institucionais de ensino.

A VISIBILIDADE E O PROTAGONISMO DAS PESSOAS PRETAS ATRAVÉS DA LITERATURA

Evaristo (2010, s.p.) expressa, em uma de suas variadas escritas sobre literatura afro-brasileira, que “o corpo negro vai ser alforriado pela palavra poética que procura imprimir e dar outras lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou às iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo. A palavra literária como rubrica-enfeite surge como assunção do corpo negro”. Na opinião de Proença Filho (2004), é fundamental a apropriação pelos pretos e seus descendentes de ambientes literários e de outros lugares identicamente culturais até aquele momento timidamente habitados. O trajeto vem sendo trilhado. Determinados resultados, poucos, têm se manifestado. Realmente é importante persistir na procura de uma absoluta e evidente representatividade, até que se converta absolutamente prescindível a existência como símbolo de uma distinção redutora. Em suma, literatura não tem cor.

Conforme Evaristo (2010), faz anos que a literatura negra se sugere na literatura brasileira. Além disso, a literatura negra exhibe um grandioso conteúdo ideológico, pela razão de instigar, de penetrar como pano de fundo e de escolher como tema o histórico do negro, a sua integração e os relacionamentos étnicos do corpo social brasileiro.

UMA BREVE REFLEXÃO DO QUE ENSINA A OBRA PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA

Em 136 páginas, completas por introdução, 11 capítulos e outras informações adicionais, o livro *Pequeno manual antirracista* (2019), publicado pela editora Companhia das Letras, em São Paulo, no ano de 2019 e escrito por Djamila Ribeiro, santista, nascida em 1980, professora, pesquisadora, mestre em filosofia política, colunista do jornal *Folha de São Paulo* e coordenadora da coleção *Feminismos Plurais*, ressalta que “[...] o antirracismo é uma luta de todas e todos” (RIBEIRO, 2019, p. 15).

Com uma linguagem informal, explícita e exemplificativa, a obra evidencia que o racismo além de necessitar ser reconhecido para ser combatido, continua se atualizando, porque é um sistema opressor, segregador e negador de direitos. O mundo apresentado na trajetória escolar é branco, a divisão social existe, a discriminação racial persiste e a estrutura racista naturalizada faz com que violências raciais se tornem algo comum. Djamila Ribeiro (2019, p. 31-32) explica que:

Pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo, pois o debate racial é sempre focado na negritude. A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. E para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade.

Processos de escravização são expostos na obra literária e a desnaturalização deste olhar racista, criado pela branquitude é definida como uma responsabilidade do povo branco privilegiado. Mesmo estrutural, o racismo chega a passar despercebido em piadas, frases, ditados populares, músicas, cinema, televisão etc. Logo as políticas públicas surgem, criando cotas raciais, por exemplo, para diminuir a tamanha desigualdade nas oportunidades entre brancos e pretos no mundo acadêmico, permitindo assim, que a população negra tenha maior acesso a uma educação de qualidade, aspecto esse que não deve ser romantizado.

A produção artística e intelectual negra é apagada e os sinais são evidentes, por sinal, para Ribeiro (2019, p. 64), esse “apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. [...] nossas elaborações devem ser lidas,

debatidas e citadas”. É fundamental pesquisar e estudar autores negros, não pela cor, mas pelo fato de conhecer os saberes da raça numericamente mais presente no Brasil, pois assim se conhece os símbolos, idiomas, particularidades, histórias, entre outras características de ambas as culturas. Tal processo, gera empatia e respeito.

Resumidamente, no decorrer das demais páginas, Ribeiro (2019, p. 13) além de enfatizar que “a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas”, também aborda a criminalização da população negra e a ultrassexualização das mulheres negras desde o período colonial, fora o imaginário coletivo brasileiro sobre elas, os abusos, a violência sexual e racial e a desumanização representada pelos padrões de beleza racistas.

CONCLUSÃO

A população negra sobrevive a um sistema seletivo, escravocrata que extermina pessoas negras, a cor é alvo de violência diariamente, um verdadeiro genocídio. Marginalizadas, inferiorizadas, discriminadas, os abismos são evidentes da raça preta quando comparada com a branca. Entre a cultura branca europeia, a ideologia da negritude se perdeu junto a importância de questionarem as desigualdades. Os grupos sociais privilegiados, formados pela branquitude, possuem um pacto narcísico³, não por escrito, mas vivenciado cotidianamente de geração em geração. Culturas foram embranquecidas, o silêncio reduziu pretos a determinados estereótipos e os deixou condescendentes.

Essa opressão precisa ser combatida, a identidade racial retomada, pretos precisam ocupar cargos de poder, as relações sociais entre raças ser empática e a representatividade preta destacada. É evidenciado no livro estudado que o debate sobre racismo precisa deixar de ser tabu e ficar apenas entre negros. Esse tema precisa ser pauta, porque impacta todos os setores da sociedade e assim pode transformar toda essa perversidade sistemática racial brasileira.

Tal obra literária de Djamilia Ribeiro analisada, evidencia o ativismo preto de forma sublime, porque impacta com trechos, informa e orienta a partir da experiência de uma autora preta, que vive o racismo e a opressão desde sempre. A leitura expõe o pacto narcísico e ao mesmo tempo dá soluções para reestruturar positivamente as relações

³ Conceito abordado pela ativista Cida Bento na obra O Pacto da Branquitude, publicada em 2022.

sociais do coletivo negro junto ao branco. Por esses motivos, pode-se concluir que as obras literárias podem ser sim um espaço em que a população negra se empodera e pode ser representada e visibilizada, ajudando consequentemente na luta antirracista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=LyqsDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=racismo&ots=Qo6d8kpqeY&sig=wbN8BUfQHIQQJbe_5Aj3M8aX8A#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 4 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Um Tigre na Floresta de Signos: Estudos sobre Poesia e Demandas Sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 132-142. Disponível em: <<https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/Literatura-negra-uma-voz-quilombola-na-literatura-brasileira.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

GOMES, Beatriz; TAVARES, Marie Luce. TINHA QUE SER PRETO! POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA POR MEIO DO CIBERATIVISMO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM. **Revista da ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros**, Goiânia, v. 14, n. 41, p. 444-463, set./nov. 2022. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1362/1377>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136 p.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. 176 p.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=EtOyBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=yin+estudo+de+caso&ots=-m4gpmy3Au&sig=qqYePUwUKozYgmG_0iZj7OD6gUM#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 4 dez. 2023.